

Atos para o (Re)uso de Materiais em Artes: jogar, desenhar e (per)formar, partir do espírito pueril para com a chama espiritual criar/transformar

Luiz Fernando Pereira Lopes 

(Pesquisador Independente, São Paulo/SP, Brasil)

RESUMO – Atos para o (Re)uso de Materiais em Artes: jogar, desenhar e (per)formar, partir do espírito pueril para com a chama espiritual criar/transformar – Na arte educar/brincar/criar focados na dissertação do mestrado e que para a tese no doutorado aproximo ao ser educador/designer/artista visual e mergulho no investigar materiais reutilizáveis. Este artigo parte de um trabalho apresentado no 29º Confaeb, 2019, Congresso Internacional da Federação de Arte Educadores do Brasil, repensar, reformar, reestruturar na sequência em minha pesquisa para refletir o (re)uso, transpassados por atos no performar do brincar e do criar, bases no sentir, no recordar por meio do expressar, partindo da infância até o mundo adulto, do espírito pueril, o espírito do tempo à chama do espírito também como possível materialidade. Embora conste o quanto o espírito, essa energia componente na matéria, pode alimentar e inspirar o criar enquanto pode agir sobre todos os planos da substância, esta investigação buscou emergir no sentido amplo do espaço da experiência e do (re)uso. Amplio a pesquisa dentro da criação, da arte e das experiências, com foco na intersubjetividade, com a retomada do espiritual com ênfase nas relações para o percepto e a fruição no ato de criar. A performance como recurso poético. Aponto alguns relatos de experiências no ensino do desenho como instrumento de criação aos meus alunos no curso de arquitetura, trabalho ações, roteiros, cenas e transgredir, ir além do olhar. Almejo a (re)invenção pelo espírito, o ser e a criação na interlocução da arte para (per)formar/educar.

PALAVRAS-CHAVE

Interlocução/arte/(per)formar/educar. Desenhar/espírito/ação. Material de (re)uso.

ABSTRACT – Acts for the (Re)use of Material in Artes: play, draw and (per)form, from the puerile spirit to the spiritual flame create/transform – In the art education/play/create focused on the dissertation of master's degree and that for the thesis in the doctorate I approach to being educator / designer / visual artist and dive in the investigate reusable materials. This article is part of a work presented at the 29th Confaeb, 2019, International Congress of the Federation of Art Educators of Brazil, rethink, reforme, restructure in the sequence of my research to reflect the (re)uso, passed through acts in the performance of play and create, bases on feeling, in remembering through expressing, from childhood to the adult world, of the puerile spirit, the spirit of time to the flame of the spirit also as possible materiality. Although it is clear how much the spirit, this component matter, can feed and inspire the create while it can act on all the planes of the substance, this research sought to emerge in the broad sense of the space of experience and the (re)uso. I expand research within creation, art and experiences, focusing on intersubjectivity, with the resumption of the spiritual with emphasis on relationships for perception and fruition in the act of creating. Performance as a poetic resource. I point out some reports of experiences in teaching drawing as an instrument of creation to my students in the architecture course, work actions, scripts, scenes and transgress, go beyond the look. I look forward to (re)invention by spirit, being and creation in the interlocution of art to (per)form/educate.

KEYWORDS

Interlocution/art/(per)form/educate. Draw/spirit/action. Material of (re)use.

RESUMEN – Actos para el (Re)uso de Materiales en las Artes: jugar, dibujar y (per)formar, del espíritu pueril a la llama espiritual crear/transformar – En el arte educar/jugar/crear enfocado en la disertación del máster y que para la tesis en el doctorado me acerco a ser educador/diseñador/artista visual y sumergirme en la investigación del material reutilizable. Este artículo es parte de un trabajo presentado en el 29º Confaeb, 2019, Congreso Internacional de la Federación de Educadores de Arte de Brasil, repensar, reformar, reestructurar en la secuencia en

mi investigación para reflejar el (re)uso, pasado a través de actos en la realización de juego y crear, bases en el sentimiento, en recordar a través de la expresión, desde la infancia hasta el mundo adulto, desde el espíritu pueril, el espíritu del tiempo hasta la llama del espíritu también como materialidad posible. Aunque está claro cuánto el espíritu, este componente energético en la materia, puede alimentar e inspirar la creación mientras que puede actuar sobre todos los planos de la sustancia, esta investigación buscó emerger en el sentido amplio del espacio de la experiencia y el (re)uso. Amplio la investigación dentro de la creación, el arte y las experiencias, centrándome en la intersubjetividad, con la reanudación de lo espiritual con énfasis en las relaciones para la percepción y la fructificación en el acto de crear. La performance como recurso poético. Señalo algunos informes de experiencias en la enseñanza del dibujo como instrumento de creación a mis alumnos en el curso de arquitectura, trabajo acciones, guiones y escenas y transgredir, van más allá de la mirada. Mi objetivo es la (re)invención por el espíritu, ser y creación en la interlocución del arte para (per)formar/educar.

PALABRAS CLAVE

Interlocución/arte/(per)formar/educar. Dibujar/espíritu/acción. Material de (re)úso.

Abertura recepção

Manoel por Manoel

[...] Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores (Do livro "Memórias Inventadas", de Manoel de Barros, 2008).

Buscar nessas raízes “crianceiras”, dito pelo poeta, como na visão “comungante e oblíqua das coisas”; em sala de aula visto meu colete de plástico bolhas, meus óculos e minha cabeça água e com a leitura, abro mais um semestre nas disciplinas de Desenho de Observação e Técnicas Construtivas para o 1º ano do curso de arquitetura e urbanismo em universidade particular na cidade do interior de São Paulo. O primeiro jogo que proponho a eles é fazermos um quadrado saindo do formato carteiras enfileiradas, um diante do outro, trajando

meu vestuário (Figura 1) faço a leitura do poema, citado acima, e preparo a roda de conversa, na sequência cada aluno se apresenta, e de forma rápida dizem um jogo que lembram de infância. Surgem jogos como: boneca, carrinho, roda, ciranda, pique esconde, pique pega, bilboquê, peão, Atari, videogame, bola e outros. Final das apresentações pergunto ao grupo quem sabe desenhar e como sempre uma pequena parte levanta o braço; observo que por detrás destas respostas existe o excesso de rigor da autocritica, diante do que é desenhar; encobrando o espontâneo da criança que todos possuímos em nosso interior.

Figura 1 — Vestuário plástico bolha, apresentação alunos na sala em um quadrado



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Como trabalharmos em terreno do sensível para atingirmos esse nosso interior? Quais seriam os melhores materiais para (re)uso¹ e criar que estimule diante de tamanho desafio? Adoto uma postura de jogador, daquele que tenta preservar sua infância ao criar entre acertos e erros diante do rever sua criança, detectamos alguns hábitos adquiridos como um fazer ‘birra’ e os movimentos para chamar atenção e logo voltar e observar, o agora, se conseguimos nos livrar de tais hábitos. Aprofundarmos nesse material como coloca Kardec:

[...] Há um elemento que, comumente, não entra na balança e sem o qual a ciência econômica não é mais que uma teoria: a educação. Não a educação intelectual, mas a educação moral, e não, ainda, a educação moral pelos livros, mas aquela que consiste na arte de formar os caracteres, a que dá os hábitos: porque a educação é o conjunto de hábitos adquiridos. Quando se pensa na massa de indivíduos jogados cada dia na torrente da população, sem princípios, sem freios entrega seus próprios instintos, deve-se espantar das consequências desastrosas que resultam? Quando essa arte foi conhecida, cumprida e praticada, o homem ocasionará no mundo hábitos de ordem e de previdência para si mesmo e os seus, de respeito por tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitiram atravessar, menos penosamente, os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse é o ponto de partida, o

elemento real do bem-estar, a garantia da segurança de todos (Kardec, 1992, p. 277).

Para os trabalhos nas disciplina de Desenho de Observação e Técnicas Construtivas, introdutórias em um único semestre e na qual pretende que os alunos adquiram um olhar crítico em questões do desenho o que comunica e seu uso na arquitetura por intermédio de exercícios práticos em bidimensional e também o tridimensional se abram para este importante campo de pesquisa do profissional arquiteto, apresento a sequência no semestre como estrutura e recurso a peça teatral; reflito em minha proposta na educação de Pestalozzi, a Paulo Freire e Augusto Boal, ela como meio para atingir nosso objetivo: libertar o essencial, o sujeito e suas relações.

Não necessariamente como exercício na sua forma de teatro e sim como performance amplio seus conceitos no que tange nosso estar, relacionar, expressar e expor e como tudo perpassa nosso olhar, a maneira como vemos no que Abanindranath Tagore alerta:

Depender unicamente da vista, negligenciando o espírito, é pintar apenas o lado superficial da forma. Para adquirir o verdadeiro conhecimento da forma, é preciso tudo iluminar com o reflexo da nossa alma e estar pronto para receber a luz que emana das coisas visíveis e invisíveis (Tagore *apud* Huyghe, 1960, p. 9).

Assim, fazendo uso da ideia das diversas materialidades que formam o lugar e também nosso ser, aproximo pelo conceito de energia/espírito como na eletricidade, quando Einstein na física, coloca a formula $E=mc^2$ sendo o elemento que mais utilizamos em nosso cotidiano em relação massa e velocidade da luz naquilo que nos faz visível e invisível como fagulhas, pequenas para questionar dos três elementos: eletricidade, massa e velocidade da luz; exercito como na poesia da liberdade dos “comparamentos”: luz que corpo é esse?, propagação/contatos das ondas que emitem a luz como relacionar-se? e magnetismo atração/repulsão aonde ligar com empatia ou antipatia? Trazer tudo isso a nossa consciência desde nossas infâncias ao ser adultos e aqui amplio,

coloco no plural, no sentido de imaginar uma pluralidade de vidas, nas possíveis reencarnações, em terrenos que ainda temos muito a buscar e apoiar para manter e trazer nossa criança como coloca Winnicott: “É no brincar e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem de sua liberdade de criação”. (Winnicott *apud* Machado, 2010, p.39). Brincar, tecer a liberdade, criar são grandes canais para o aprendizado para conscientizar verdadeiros processos cognitivos.

Marco a reflexão-(per)formar em três Atos (o próximo, o outro e o espaço) que também serão subdivididos em três cenas (a origem, a informação e o plantar – como estrutura/tópicos que circulam/pausam, ordenam/desordenam, constroem/desconstroem na busca por fluxos que alinhem repertório e busquem na vivência/experiência ao criar.

Aproximo a Ana Mae Barbosa em sua proposta triangular contextualizar/ver/contextualizar (Barbosa, 2009, p. XXXIII) no que de contextualizar (evoco o próximo) o ver (o outro e o lugar) e contextualizar (no exprimir e criar).

ATO 1 – O que está próximo

CENA 1: Origem – Ponto primeiro da luz própria matéria-corpo-vibração no observar a origem na infância e nos jogos pela memória entro nos detalhes pelos sentidos, em um olhar o entorno, no que foi a história de cada aluno, desta experiência e agora como interlocutor buscando o foco no que promove o desenho como expressão, buscar um primeiro instante o olhar o belo/feio ou para a sombra como aponta Tanizaki (1997, p. 2): “Lo bello no es una sustancia en sí sino un juego de claroscuros producido por la yuxtaposición de las diferentes sustancias que va formando el juego sutil de las modulaciones de la sombra.” Crio um ambiente de silencio e concentração que utilizo música para harmonizar e mantê-los produzindo.

1º exercício proposto (3 módulos):

1º módulo: desenhe algo, um objeto que tenhas próximo, vale um detalhe do tipo de material se madeira, pedra, cimento, vegetal e por observação (Figura 2) ampliada na textura que te desperte certa curiosidade pelo feio ou desajuste ou curioso enfim rapidamente escolha algo e desenhe com grafite em uma folha de papel sulfite A4; anexo alguns resultados abaixo:

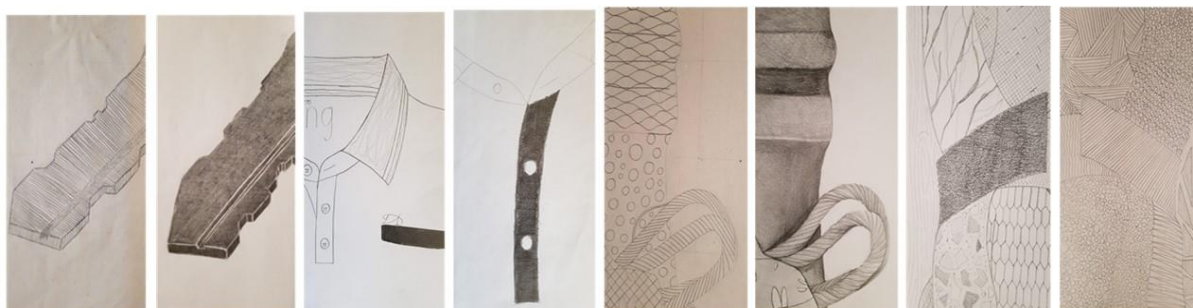
Figura 2 – Desenhos modulo 01 feitos pelos alunos



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

2º módulo: peço que eles escolham um detalhe, dentro do desenho, também de maneira rápida e façam um retângulo marcando a escolha como podemos ver nos desenhos (Figura 2) anteriores; partindo deste detalhe eles deverão ampliar em uma folha A3 em papel Canson com grafite e trabalhar texturas diversas que devem encontrar em seu entorno no chão, paredes, objetos, reproduzir em linhas, formas etc. (Figura 3) detalhe que busquem sair da imagem anterior e criar algo abstrato.

Figura 3 – Desenhos modulo 02 feitos pelos alunos



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

3º módulo: também em papel Canson A3, farão dois desenhos eles devem trabalhar criando uma modulação na folha de 9 divisões na qual eles devem repetir o detalhe ampliado e desta vez terão de reduzir (Figura 4) e simplificar as texturas ou criarem novas, um desenho bem trabalhado o grafite, as texturas e no outro mais simples; terminados os dois eles devem com o mais simples, apresento a eles o trabalho de Lygia Clark “caminhando” que com uma tesoura eles devem recortar o desenho buscando um caminho e sem separar nenhuma parte, após com dobras e encaixes devem chegar a um tridimensional.

Figura 4 – Desenhos e maquetes, modulo 03 feitos pelos alunos



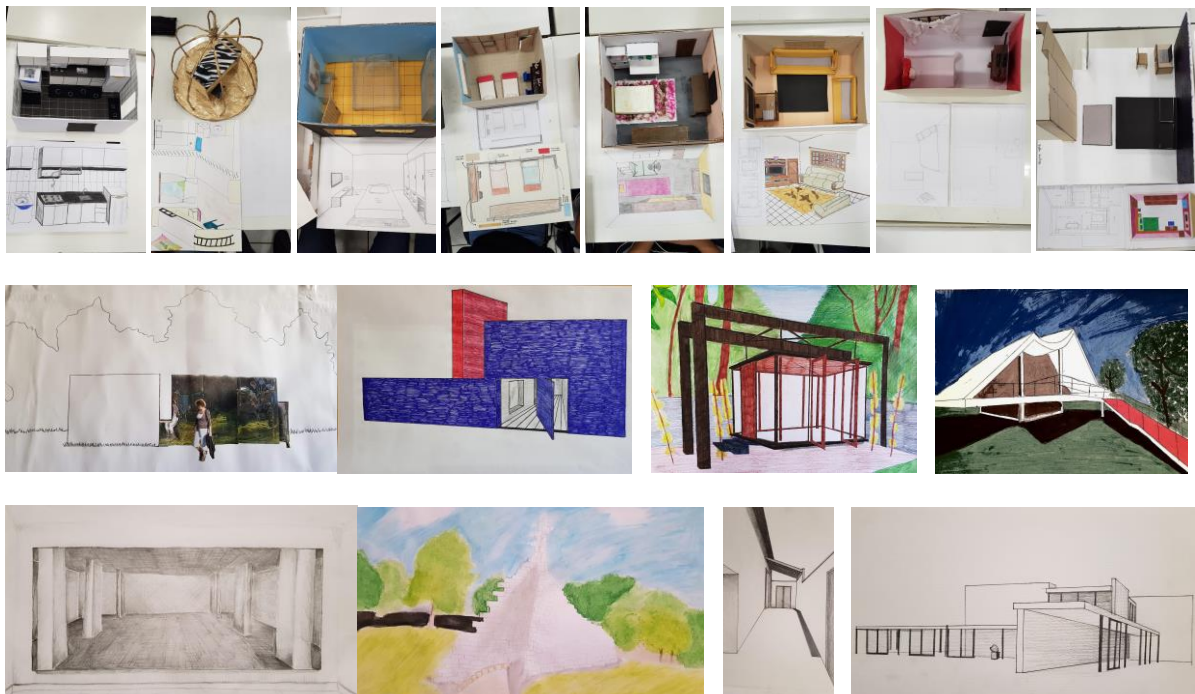
Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Passados por este módulo de abertura o qual ocupo três dias com quatro aulas cada dia diálogo individualmente com cada um deles sobre o produzido. Ao final montamos nossa primeira exposição, na própria sala de aula (Figura 4), como este exercício é todo desenvolvido de uma maneira bastante introspectiva na qual cada aluno vai tomando contato com o problema a ser resolvido e como ele propõe sua solução e como o faz. Observamos e abrimos os trabalhos diante de todo o grupo e constatamos, questões da luz nos desenhos o que os claros escuros ocorrem e como desta forma chegamos algo a comunicar. Vivenciam no processo de sair de suas sombras, detalhar, observar e constatar diferenças nas escalas de representação para ao final diante do abstrato, um lugar tridimensional como Lygia

Clarck, em que eles localizam várias possibilidades em espaços criados em suas primeiras maquetes.

CENA 2: Informação – Ponto segundo desde a informação à propagação da luz pelas ondas e contatos dos corpos: no olhar como coloca Novaes (*apud* Bosi, 1988) que estrutura muitas de nossas relações tanto pela luz, que emitimos ou a que recebemos, notamos no olhar amoroso ou o raivoso, fonte emissora de sentir, dele partimos na técnica do grafite, daquilo visto e reconhecido nos desenhos, após os exercícios anteriores iniciamos um trabalho interdisciplinar com a disciplina de Introdução ao projeto de arquitetura na qual o professor traz um olhar aos alunos do habitar e o projeto como expressão, em minha disciplina de Técnicas Construtivas, peço aos alunos que tragam uma maquete simples que podem utilizar do (re)úso (Figura 5). Interiores de suas casas de forma individual e logo por semelhanças, ou afinidades ou curiosidades se juntam em grupos que formados seguem nas outras disciplinas e na observação o íntimo, privado ao público iniciam pelo interdisciplinar, analisando alguns pavilhões de arquitetura como um lugar de criação livre que marca na expressão arquitetônica de um tempo. Em minha disciplina de Desenho de Observação sigo no modulo 04 buscar o olhar seu grafismo, ele, como livre expressão e instrumento do sensível portanto fundamental o recolhimento de cada um em suas dúvidas quanto ao traço, seus medos na busca pela qualidade, e o que existe em suas sombras, lembranças das garatujas que fizeram e nelas trazermos a luz da criança que desenha.

Figura 5 – Desenhos diversos, modulo 04 e maquetes espontâneas sobre seu lugar em sua casa



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Para este módulo com os alunos trabalhamos um tema dentro do lugar a ser investigado para criar; após discussão sobre arte em que eles trazem temas polêmicos encontrados, uma grande quantidade trouxe sobre o incêndio na catedral de *Notre-Dame* de Paris, com esta reflexão em mente montei uma cena com alguns objetos que foram produzidos na época em que vivi na cidade de Paris e vou contando-lhes as histórias e deposito estes objetos em uma mesa, como da caixa comprada na torre Eiffel contendo sua imagem, o cão e o pássaro feitos com restos de madeira produzidos na Bienal de Lion, uma garrafa de soda comprada em um brechó em Paris, e no final apago a luz da sala e a cena fica iluminada apenas por um abajur e eles terão de desenhá-la em papel Canson A3 com grafite e explorando ao máximo os claros escuros da cena (Figura 6).

Figura 6 – Desenhos modulo 03 feitos pelos alunos



Fonte: Arquivo fotográfico do autor

CENA 3: Plantar – Ponto terceiro o plantar seu eletromagnetismo no que atrai e repulsa partir do desenho para plantio como traço, focar, e no silêncio retomar no espírito da observação, do sutil no ambiente. No que Leon Denis reflete sobre a educação:

[...] sabe-se, é o mais poderoso fator do progresso, pois contém em gérmen todo o futuro. Mas, para ser completa, deve inspirar-se no estudo da vida sob suas duas formas alternantes, visível e invisível, em sua plenitude, em sua evolução ascendente para os cimos da natureza e do pensamento (Denis, 1993, p. 17).

Na busca do como olhar, pensar e acionar; destacamos o que definiram como perda da experiência, o indivíduo, que não mais interessa em uma sociedade baseada na reprodução em massa, observado por vários teóricos como: Zigmund Bauman, John Dewey, Walter Benjamin, Richard Sennett, Ana Mae Barbosa, Anísio Teixeira, uma vez que o necessário em uma indústria nascendo, no final do século XVIII, na Inglaterra, como novo meio de produção foi o “igualar” e “ajustar” todos que formariam a mão de obra nesta ‘nova era moderna’ e dita promissora.

Como sequência em nossas aulas partimos do que segue essa perda de experiência como um dos grandes problemas ainda a ser refletido, onde e de que forma, o lugar de arte, em sua interlocução, partir para a fase: do como trabalhar, praticar, questionar, pesquisar, refletir o indivíduo, a criação como observar artistas. Para tal, seguimos com desenhos a grafite e melhoria na relação do material e o expressar individual de cada um. Visitamos uma galeria com vários artistas e desenharam observando os elementos trazidos nas obras da galeria (Figura 7).

Figura 7 – Desenhos modulo 04 feitos pelos alunos e visita galeria



Fonte: Arquivo fotográfico do autor

Na real vivência em um lugar de arte como esta galeria (Figura 8) que era um antigo ateliê de uma artista local e agora sede de uma galeria voltada ao educativo na qual com meus alunos pudemos vivenciar de uma imersão/observação/criação direta, envolvidos com informações sobre os artistas, as obras e o lugar. Nele nos dedicamos ao um passeio espontâneo em primeiro momento, pois muitos dos alunos foi a primeira vez que pisaram um local como este, o que sempre resulta impactante e efetivo a eles que ao abriremos uma discussão no próprio local, com as presenças dos trabalhos a concentração que eles já vêm provando em sala de aula se torna mais efetiva e os resultados sempre são muito surpreendentes.

Figura 8 – Desenhos do local pelos alunos e visita galeria



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

ATO 2 - A Primeira Ampliação no Outro e no Lugar

CENA 1: Origem – como atingir da matéria que nos constitui a própria alma em cada um de nós?

Direcionar esse olhar para o visível e invisível das formas faz parte do caminhar da formação desde muito iniciante em educação, tanto com os personagens na família como na escola, que nela fizeram e seguem fazendo parte. Portanto, chegar às raízes esperando um encontro com nossas experiências e, claro, com o que elas contribuem em nosso próprio conhecimento para darmos conta do quão necessário é um olhar de forma crítica para assim agir com algo a discutir e contribui, em momentos que creio ser importante uma imersão do sujeito, narrado em primeira pessoa, bem como o olhar do pesquisador em diálogos constantes, fonte de interesses, apontados por Vygotsky, como registros de como eles são desenvolvidos e não adquiridos, apoiado nas bases da psicologia moderna, a exemplo de como processos vitais, orgânicos, enraizados numa base biológica da personalidade que parte do seu próprio desenvolvimento global, reflete: “en estos procesos, como en todos los procesos vitales, se ponen de manifiesto claramente el desarrollo, el crecimiento y la maduración” (Vygotsky, 1996, p. 7).

Para esta sequência entramos nas discussões de proporção e relação do corpo com o lugar desenhos de observação em sala entre os próprios colegas (Figura 9).

Figura 9 – Desenhos do local pelos alunos em sala de aula



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

CENA 2: Informação - Dos pontos para prováveis caminhos de construção onde surgem nossos questionamentos? Suspeitar para poder acionar na incerteza um (re)pensar, aqui esse nosso lugar em uma terra chamada Brasil, sem atos de patriotismos, mas no que tange ao lugar, com suas características, especificidades, que o fazem existir de forma autônoma perante o todo;

sintonizando-nos ainda em Alfredo Bosi ao emergir na fenomenologia: “enquanto Sartre parte do olhar ferino do outro, cuja percepção necessariamente me coisifica (e daí me vem a certeza da sua temível existência), o olhar fenomenológico, segundo Merleau-Ponty, envolve, apalpa, esposa as coisas visíveis” (o visível e o invisível) (Merleau-Ponty, 1964, *apud* Bosi, 1988, p. 82).

Como atingir questões da forma e o “sensível”? Da maneira com que a fenomenologia mantém acesa a luz que emana em centelhas, que sempre frágeis, estarão na eminência do apagar-se. Huyghe aportando a Merleau-Ponty afirma com lucidez:

A intenção significativa nunca é em mim...senão o excesso do que quero dizer acerca do que já foi dito. Ao buscar uma linguagem, mercê de um primeiro ato, ‘conhece-se a si mesma...’ ‘com efeito exprimir... é tomar consciência’, é um ‘tomar posse’ daquilo que, sem esforço, permaneceria confuso em nós mesmos, por que – observa com profundidade o nosso filósofo – ‘a posse do eu’, a coincidência com o eu, não é a definição do pensamento, constitui pelo contrário, o resultado da expressão. (Merleau-Ponty *apud* Huyghe, 1960, p. 16).

Essa frase: conheça-te a ti mesmo, de autor desconhecido, que evoca o autoconhecimento, é retirada do templo de Delfos em honra a Apolo. Da autorreflexão: porque (re)úso? Não estaria (re)úso, todo o tempo imerso em nossas mais simples atitudes?

Caminhos traçados desde a infância até agora como no presépio que fiz, nasce a pequena manjedoura em papelão, capim seco e com os personagens com cabeças de ovos dos quais nasceram muitos seres que vem sempre ocupando meu imaginário, com lembranças até anteriores, em família, com meus avós, um vizinho que montava engenhocas com latas diversas, e trabalhos feitos na pré-escola (Lopes, 2015, p. 19). Mas seria somente em meu pequeno universo que isso ocorria? Cantamos: “Raspas e restos me interessam...” como afirmava Cazuza em 1984 em sua música “Maior Abandonado” e acrescenta Mario Perniola:

Este resto é o homem-coisa, cuja característica fundamental é precisamente a de ser mais coisa do que todas as coisas existentes, ou

seja, algo de mais pobre, de mais só, na medida em que o sentir alheado simultaneamente herda e supera o já pensado da ideologia e o já feito da burocracia (Perniola, 1993, p. 27-28).

Iniciamos a finalização do trimestre (os cursos são semestrais e dividimos nossa avaliação na escola em dois trimestres), o qual abri a aula com retorno geral do produzido até o momento, na sequência um vídeo clip (postado em 2011) “Comida (1987)” dos Titãs, e a pergunta: “Você tem sede de que, você tem fome de que?” Refletiram no exercício proposto no qual os alunos escolheram um artista com autorretrato e no formato A3 no papel Canson e com lápis misturaram com caneta esferográfica e partindo desta leitura desenvolveram seu próprio autorretrato (Figura 10).

Figura 10 – Autorretratos pelos alunos



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

CENA 3: Plantar – E no sentir das formas sutis, refletir nas formas de violência, como proposto por Novaes (2015, p. 16), e nela como nas paixões, o que de avassaladoras e transformadoras. Emergir neste problema para além da “mediacracia”. Termo trazido também por Perniola (1993), em uma sociedade que instaura o já sentido que perpassa o sentir quando temos de rever as mediações. Podemos como Deleuze (1999) colocar em uma sociedade de controle, que a Arte não comunique, mas se transforme em “ato de resistência” e para um povo que ainda não existe. Está, portanto, na transformação, no pensar, no redesenhar como processos do feito à mão, atingir a subjetividade e assim acionar o devir na criação?

Transformar a guerra “esquizofrênica” no contemporâneo (estado do agora) do muito interno do que temos de libertar-nos em nossa subjetividade, como ato de resistência? Pensar, corresponder, vibrar, os polos, em que ritmo, de causa e efeito e assim gerar, procriar e criar! Na questão do ser ou não ser? Observar a nossa existência para além da comunitária, o papel deste ser como individuação, termo utilizado por Simondon (2003), consciente de suas potencialidades e assim compartilhamos no UNO, neste lugar onde tudo é possível. Sair do ego na busca “de per si”, esta pequena partícula elemento do UNO onde somos, como fazemos e o que criamos?

Fechamos o trimestre com questões do olhar para si, enquanto produção dos desenhos, sua forma, o ‘outro’ do artista e como remontar este quebra cabeça com uma proposta coletiva na qual eles tenham que em grupo partindo das análises feitas dos pavilhões em exercício interdisciplinar como mencionamos anteriormente. Escolheram o pátio central da universidade como local da instalação/expo/ação somando as reflexões feitas montaram suportes que surgiram das leituras dos arquitetos e artistas escolhidos, com materiais simples como papelão, papel e fios surgiu a exposição (Figura 11).

Figura 11 – Expo/ação montada pelos alunos



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

ATO 3: O Espaço Amplo, considerações finais

Dos estudos da espiritualidade que foram interrompidos no pós-guerra, o tempo da fantasmagoria, termo que utiliza Benjamin (*apud* Matos, 2006, p. 44). Como uma espécie de febre anunciadora de uma virose que foi instalada antes mesmo da moderna separação matéria/espírito, religião/ciência, tempo/eternidade. Na revolução industrial aceleram-se as descobertas, o tempo faz abrir o espaço para as utopias, como diz Eduardo Galeano (2013), em entrevista, quando cita Fernando Birri: “Utopia é aquilo que se encontra no horizonte, o que nos faz caminhar para ele”.

Matéria futura e energética, ou seja, urgente se faz a compreensão neste tema. Na luz dos temas que estamos dialogando, permeando teatro/performance nas formas de apresentar, dialogar, compor e manter sempre na sequência **da origem, a informação e o plantar** desde minhas origens/vivências em direção às experiências que mantemos na construção de nossas raízes, lugares, linguagens, fazeres, crenças no acreditado pela informação. Assim como podemos colher fundamentos de toda base e, conscientes, em direção a ações de construção, o projetar, o desenhar intenções para o plantio no que pode ser o educar.

Como final da disciplina, e do exercício interdisciplinar os alunos trabalharam propostas para criar pavilhões em um único terreno ao lado da universidade, compartilhar e relacionar os projetos na ocupação. Do local da exposição eles optaram por uma passarela de vidro como lugar com muita presença de luz e relações exterior/interior (Figura 12).

Figura 12 – Expo/ação final do semestre montada pelos alunos



Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Nota

- ¹ (Re)úso termo que adoto em minhas pesquisas no que se refere a vários tipos de materiais possíveis para criar, da simples manufatura à arte detectar possibilidades no que (re)invindicar pelo impasse, o (re)jeitar no que reaproveitar até o (re)pulsar que transforma pelo sensível, na busca por novas direções, poder chegar até o cérebro, essa matéria cinzenta de (re)úso constante e que se regenera o tempo todo enquanto espírito/matéria, pensamento/sentimento, infinito/efêmero.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 62-87.
- DELEUZE, Gilles. *Ato da criação*. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999.
- DENIS, Leon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Federação Espírita Brasileira, 1993.
- GALEANO, Eduardo. *The Utopia, according to Fernando Birri*. YouTube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=is4rP--i6uw>. Acesso em 21 jul. 2019.
- HUYGHE, René. *A arte e a alma*. Portugal: Livraria Bertrand, 1960.
- KARDEC, Alan. *O Livro Dos Espíritos*. Araras, SP: IDE - Instituto de Difusão Espírita, 1992.
- MACHADO, Marina Marcondes. *O brinquedo – sucata e a criança: a importância do brincar: atividades e materiais*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- MATOS, Olgaria Chain Feres. *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações, fontes passionais da violência*. São Paulo: Ed. Sesc, 2015.
- PERNIOLA, Mario. *Do Sentir*. Lisboa: Editora Presença, 1993.
- SIMONDON, Gilbert. A gênese do indivíduo. In: PELBART, Peter Pál; COSTA, Rogério da (Orgs.) *Cadernos de Subjetividade: o reencantamento do concreto*. Tradução de Ivana Medeiros. São Paulo: Hucitec, 2003, p. 97-117.
- TANIZAKI, Junichiro. *El elogio de la sombra*. España: Editora Siruela, 1997.



TITÃS. *Comida*, 1987. YouTube, 2011. Disponível em: <https://youtu.be/W5TI7iLvHC4>. Acesso em 21 jul. 2019.

VYGOTSKY, Liev Semiónovich. *Obras escogidas: psicología infantil*. Tomo IV. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor Dist. S. A., 1996.

Luiz Fernando Pereira Lopes

Também conhecido como Lufe Lopes, nome artístico, com o qual assina seus trabalhos em artes e eco design. Doutor em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA - USP (2021), São Paulo, Brasil. Mestrado em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda, CUM - 2015, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo também pelo CUM - 1986. Dedicou-se à docência desde sua formação em 1986, ministrando classes na área de História, Estética, Composição, Plástica, Desenho, Desenho Industrial e Tridimensionais. Sua pesquisa está voltada ao (re)uso de materiais, tanto em suas peças de criação no eco design, como em Artes. Viveu na Europa durante os anos de 1989 até 2002. Possui várias publicações e prêmios com seus trabalhos.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8020-0448>

E-mail: lufelopes@alumni.usp.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2570875504807343>

Recebido em 30 de julho de 2022

Aceito em 24 de abril de 2023

